

HALL

Anteparadas à verticalidade dos muros e fachadas, as fotografias de Beatriz Toledo parecem agora frater radicalmente os objetos que compõem o espaço da cidade. Não obstante flagrando-os sob uma iluminação que confere a todos eles a mesma intensidade, a artista como que os pressiona contra a parede, privando-os das condições mínimas de manobra no ambiente que lhes permitissem demonstrar capacidade de comunicação entre si, de modo que eles surgem um tanto desarticulados, descarnados, desambientados.

Todavia, essas imagens não pretendem forjar uma realidade que se ofereça sem resistência aos seus esforços de verticalização: linhas de corte entre chão e parede se desnivelam, o alto de fachadas sofre ligeiras deformações perspectivas, ingressam ali elementos ruidosos como papéis de bala ou números de casas.

Porque prezar por uma disciplina de captura frontal das coisas, para Beatriz, significa confrontar uma realidade já dada no espaço da cidade – uma realidade constatável em suas evidências materiais. Trata-se de buscar uma escala com a qual as coisas possam ser surpreendidas com inteireza, o que a artista faz tomando certa distância para mirá-las – um passo atrás que nem sempre é dado sem desvios e que delimita um vão estreito entre a câmara e seu objeto.

Nem a pura exterioridade das coisas, nem a inspeção de suas articulações mais internas, as fotografias de Beatriz buscam instalar uma espécie de recuo, dão forma a uma distância intermediária na qual as coisas se manifestam antes de se libertarem de seu peso e se escancararem alheias em superfície, mas antes também de romperem sua brutalidade, seu isolamento, e projetarem bem-articuladas uma coerência de conjunto. Talvez possuam um mesmo tipo de espessura os ambientes que emprestam seu nome ao título da mostra – Hall.

Carlos Eduardo Riccioppo

HALL

Accolées à la verticalité des murs et façades, les photographies de Beatriz Toledo semblent soudain faire face de manière radicale aux objets qui composent l'espace de la ville. Pourtant, en les figeant sous un éclairage leur donnant à tous la même intensité, l'artiste les met au pied du mur, les prive des conditions minimales d'évolution spatiale qui permettrait un jeu entre eux, et les fait surgir de manière désarticulée, désincarnée, déracinée.

Malgré tout, ces images ne s'avouent pas vaincues par ces contraintes liées à la verticalité: les angles entre plancher et murs se désaxent, le sommet des façades souffre de légères déformations de perspective, et sont introduits des éléments bruyants comme des papiers de bonbons ou des numéros de maisons.

Car s'attacher à une discipline de capture frontale des choses, pour Beatriz, signifie se confronter à une réalité déjà présente dans l'espace de la ville - une réalité constatable dans ses preuves matérielles. Il s'agit de trouver l'échelle à laquelle les choses puissent être prises en flagrant délit d'entièreté, ce que l'artiste accomplit par la distance qu'elle prend pour les saisir - un pas en arrière qui est rarement fait sans détour et qui souligne un rapport tendu entre l'appareil et son objet.

Au delà l'extériorité pure des choses, et de l'inspection de ses articulations plus internes, les photographies de Beatriz cherchent à installer une sorte de recul, donnent forme à une distance intermédiaire à laquelle les choses se manifestent avant de se libérer de leur poids et de se montrer étranges en surface, mais aussi avant de manifester leur brutalité, leur isolement, et projeter une cohérence d'ensemble aboutie. Finalement, ce type d'épaisseur émanant des espaces se retrouve dans le titre de l'exhibition - Hall.

Carlos Eduardo Riccioppo